

TRAJETÓRIAS DE UMA JOVEM QUILOMBOLA: ENTRE VIVÊNCIAS E PROJETOS

BASTOS, Priscila da Cunha – UFF – prilabastos@yahoo.com.br

CARRANO, Paulo – UFF – p.carrano@globo.com

GT: Movimentos Sociais e Educação / n. 03

Agência Financiadora: FAPERJ

Tem-se observado que os jovens que vivem no meio rural se constituem como sujeitos numa teia cada vez mais complexa de relações sociais que ultrapassa o universo doméstico/familiar. São jovens que moram no seu lugar de origem, mas trabalham, estudam, fazem compras e se divertem na cidade.

A partir de entrevistas realizadas para a produção de vídeo documentário sobre jovens de uma comunidade quilombola, foi possível estabelecer roteiro compartilhado de investigação e filmagem entre a equipe de pesquisa e os jovens da comunidade. Este processo gerou material empírico significativo (observação de campo, depoimentos e registros fílmicos do cotidiano e festas) e diferentes eixos possíveis de análise sobre os jovens do quilombo. Este trabalho é sobre um desses eixos e trata da trajetória escolar de uma jovem quilombola. Procura oferecer elementos para a compreensão dos processos vividos por jovens que buscam se fazer sujeitos num quadro de intensificação das relações que tornam tênues as fronteiras campo-cidade e complexificam as identidades juvenis em contextos rurais¹.

Rosemeri, a jovem com a qual dialogamos nesta investigação, 24 anos, mãe de quatro filhos e moradora do Quilombo São José da Serra² nos desafiou a compreendê-la para além das noções que se baseiam no ideal urbano de juventude. Uma das dificuldades para se caracterizar a juventude rural ocorre no desafio de se estabelecer o que é o rural frente às novas possibilidades de interação cidade-campo que se apresentam em sociedades complexas. A intensa mobilidade espacial tem transformado o meio rural, principalmente naquilo que se refere à juventude (CARNEIRO, 2005).

Ao longo dos últimos anos vem se estabelecendo consenso social mínimo – especialmente quando se trata das identidades juvenis urbanas – sobre a impossibilidade de “falar” do jovem como um tipo único; estudos e pesquisas, políticas públicas e até mesmo a propaganda evidenciam as diferentes maneiras de viver a juventude. Se por um lado se percebe este tratamento que reconhece a multiplicidade de vida dos jovens urbanos, por outro, ainda pode-se

¹ Este trabalho acompanha vídeo documentário produzido a partir das entrevistas com Rosemeri.

² Localizado no município de Valença/RJ, o quilombo São José da Serra é formado por 200 moradores. Os jovens, entre 15 e 29 anos, constituem cerca de 20% da população residente no quilombo.

encontrar determinada fixação da noção da existência de um “jovem rural”, principalmente quando se trata de políticas públicas voltadas para os jovens que vivem no campo.

Trajetória escolar e constituição do sujeito

Rosemeri, com algumas interrupções e o apoio de seu pai, terminou o Ensino Médio numa cidade próxima ao quilombo. Até à 4ª série do Ensino Fundamental, os moradores estudam numa escola pública municipal localizada no quilombo, a seqüência da escolarização é feita na cidade. Estudam, em geral, à noite desde a 5ª série até o Ensino Médio. Uma das conquistas da comunidade em sua relação com o poder público foi a existência de um transporte – “A Kombi” – da prefeitura que leva os estudantes do quilombo para essa escola. A existência de uma escola que ofereça curso médio noturno nas proximidades do quilombo associada ao transporte para a escola todos é reconhecida pelos moradores como condição fundamental para a continuidade dos estudos. Apesar das dificuldades de acesso, quase todos os jovens da comunidade em idade escolar estão cursando os Ensinos Fundamental e Médio.

Muitas dificuldades acompanharam a trajetória escolar dos moradores do quilombo. Rosemeri, em seus depoimentos, traça um panorama das conquistas da comunidade naquilo que se refere ao direito de acesso à educação escolar e às condições de permanência na escola:

“A gente aqui na roça... os pequenininhos iam pro colégio junto com a gente pra tomar conta deles no colégio. Então era tudo correria e era uma sala só. Quando vinha merenda tinha que buscar na ponte. Quando vinha... Às vezes... era muito difícil quando alguém da prefeitura trazia merenda aqui. Mandava pra Santa Isabel (cidade mais próxima) e a tia Márcia – professora da escola fundamental do quilombo – dava um jeito de trazer. A gente tinha que buscar merenda lá na ponte, saí de madrugada daqui pra esperar lá o ônibus. Buscar bambu, a gente não tinha gás (...). No dia que era pra buscar bambu juntava todo mundo do colégio pra ir buscar bambu. Faltava água no colégio tinha que lavar vasilha... *vamo* carregar água da mina. Tinha uma mina ali, né? Carregava água da mina pra lavar vasilha lá, nossa... pra lavar banheiro, lavar um monte de coisas... fazia a horta... era sempre a gente, não tinha ninguém pra fazer horta. Agora não, agora as crianças têm merenda, tem gente pra fazer a horta, tem um monte de gente pra trabalhar (...) a gente fazia, não tinha nem tempo pra brincar, recreio... era muito difícil porque tinha que deixar as coisas já prontas pro outro dia, né?”

A escola é vista pelos moradores do quilombo como condição para o acesso ao mercado de trabalho. Ter uma profissão apoiada em conhecimentos técnicos específicos passou a fazer parte dos sonhos dos jovens e das expectativas de seus pais para que os filhos conquistem aquilo que chamam de “vida melhor”. O Ensino Médio passou a representar um ponto de partida e não

mais de chegada, já que a maioria vislumbra continuar os estudos numa faculdade, ainda que as condições materiais de vida no quilombo não contribuam para a realização do desejo de prosseguimento da trajetória escolar:

Arrumar serviço aqui é muito difícil, tem que sair longe pra trabalhar. Você tendo um estudo é bem mais fácil, continuando o estudo é bem mais fácil. (...) Não tem como você largar tudo e sair pra morar, pra estudar. E pra gente sair, assim, ficar uns dois dias, tem esse negócio de lugar, comida, nossa! Tem muita coisa que impede, assim, sair.

A escola representa para eles também espaço de sociabilidade, um lugar de se fazer amigos, onde são ampliadas redes de relações e imaginários sociais que lhes possibilitam conquistar as características urbanas que, principalmente os jovens, valorizam.

Rosemeri conta que na escola da cidade tinha um bom relacionamento com os “outros jovens”, isto é, aqueles que não eram “da roça”, como ela mesma se refere.

As identidades são relacionais e se evidenciam de acordo com o contexto e as interações nas quais se estabelecem. No caso dos jovens moradores de São José, freqüentar uma escola na cidade representou um grande desafio, não apenas pelos problemas de deslocamento, mas, sobretudo para a construção de suas identidades. O contato com os diferentes – os “outros jovens” – criou a “juventude do quilombo”, identidade coletiva de difícil construção no contexto das relações funcionais de vida em comunidade tradicional que não distingue tão fortemente os papéis geracionais tal como ocorre no “mundo urbano”.

No recreio os jovens do quilombo criaram o ritual de sentarem juntos naquilo que foi conhecido como a “mesa do quilombo”. O que aparentemente poderia representar isolamento de grupo foi “tática de praticantes” (CERTEAU, 1994) em busca de espaço-tempo para o reconhecimento coletivo. Luciano, um desses jovens, nos disse que “sentar junto” não era um “juntar pra separar” mas um “juntar pra estar junto”, para conversarem e aproveitar um tempo que eles nunca conseguem encontrar no dia a dia do quilombo.

A inserção escolar e o convívio com as “culturas da cidade” propiciou o diálogo com outro universo cultural, articulação de esquemas simbólicos que permitiram, aos jovens do quilombo, o reconhecimento de si como sujeito jovem. A forma de vestir, a linguagem, os bailes funks e outras características dos diferentes modos de ser jovem passaram a fazer parte do cotidiano. Este reconhecimento da identidade de jovem quilombola representou também a ampliação das referências culturais e novas entradas nos mercados de bens simbólicos. Esta

abertura de campo identitário tem permitido a construção de novas perspectivas de futuro dos jovens em relação a si e de seus pais frente a eles.

O contato de Rosemeri com jovens ditos urbanos na escola abre caminhos para aquisição de novos valores e ampliam seu campo de escolhas. Rosemeri parece perceber que isso gera transformações em sua vida. É visível, tanto em seu discurso, como no seu modo de vestir, a inclusão de aspirações e modos de ser referentes ao estilo de vida das juventudes urbanas. A convivência com universos culturais distintos cria uma tensão em Rosemeri entre as vontades de estudar fora, ter uma profissão e permanecer no quilombo, próximo à família. O conflito toma proporções maiores pelo fato de ser mãe. Assim como as “jovens mães urbanas”, vive as expectativas de uma vida juvenil ao mesmo tempo em que se preocupa em fornecer um ambiente de tranquilidade para seus filhos.

Para Rosemeri, a valorização do estudo e a sempre necessária migração temporária em busca de trabalho, são elementos significativos do estreitamento campo-cidade que vivencia. Dessa forma ela experimenta as mutações frente ao padrão de reprodução social de seus pais; cria novas necessidades que simultaneamente ampliam o campo de possibilidades e geram novas dificuldades para a realização de seus projetos individuais.

Considerações finais

O processo de pesquisa que desenvolvemos no contexto da produção do vídeo-documentário permitiu perceber que houve mudanças nos modos de praticar aquilo que comumente é chamado na comunidade como sendo o “fugir para a cidade”. Se ontem a cidade representava a ruptura com o território e o modo de vida tradicional, hoje, os jovens estão praticando uma “fuga para a cidade” em condições de presença no quilombo. O tornar-se sujeito encontra lugar para se fazer na própria comunidade. A ampliação do campo simbólico de possibilidades de escolhas conquistada pelos jovens do meio rural é fundamental para esse processo de individuação. Esta liberdade, na prática, pode significar poder escolher a profissão que se quer seguir e a pessoa com a qual se deseja casar, por exemplo.

A construção da autonomia entre a tradição e as novas configurações sociais que a cidade pode apresentar gera campo de conflitos e possibilidades. Os jovens do quilombo parecem estar

conscientes de que são eles mesmos que podem produzir os mecanismos de superação desse estado inconstante que a relação campo-cidade expressa.

Um dos aspectos mais significativos revelados pela pesquisa se refere à inserção dos jovens do quilombo em teias relacionais complexas que redefinem os papéis sociais tradicionais e possibilitam a articulação de projetos alternativos de futuro. Algo que nos provoca a ter o cuidado de interpretar a vida desses jovens considerando a pluralidade que o campo – especialmente quando este é campo-cidade – também engendra para a constituição dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

CARNEIRO, M. J. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo, 2005, v. 1, p. 243-262.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: PAPA, Fernanda (Org.). *Políticas Públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003, p. 121-151.